



©Marc Coudrais

DE MORRER A RIR

GUSTAVIA-Culturgest, 3 e 4 de April '09
Lisbon, April 3rd and 4th



ana luísa valdeira da silva

É tudo preto. As cortinas pretas, o chão preto com panos pretos, uma cadeira preta, um banco preto, um balde preto, duas tábuas pretas. As bailarinas de preto. Sapatos pretos, cuecas pretas, camisolas pretas. Um lenço preto. Tudo o que se vê é preto. Excepto os corpos das duas coreógrafas, membros e rostos que aparecem assim recortados na imensa caixa negra, contornos de pele que sobressaem num fundo oprimidamente monocromático. Uma dimensão plástica que remete para o teatro de Kantor num espectáculo que parte sobretudo de um imaginário cinematográfico. Inspiradas no burlesco clássico, onde surgem nomes como Jacques Tati, Charlie Chaplin ou Buster Keaton, transformam um universo masculino num outro feminino, mais elegante e sensual, mais desenvolto e livre. Mathilde Monnier e Maria La Ribot, coreógrafas vindas de trajetórias artísticas distintas, colaboram pela primeira vez em Gustavia para se encontrarem ao vivo num palco negro, cruzando as artes plásticas, o teatro e o cinema, o choro e o riso.

Murmúrios quase silenciosos vão crescendo em glissandos descendentes nas vozes das duas bailarinas. São pierrots de lágrimas audíveis. Assim começa a música do choro, desenvolvendo-se até aos mais afiitos soluços que depressa se transformam em risos. Depois os risos prolongam-se em reacção a uma queda, a uma falha primária ou a um desajuste motor, numa permanente tensão entre o animado e o desastroso. São substituições de respostas adaptadas e calculáveis por respostas mecânicas e rígidas. E do seu repetir para rir e repetir para de novo rir. Uma mulher que enfia um pé num balde. Uma mulher que leva com uma tábua na cabeça. Pum. Uma mulher que cai. Ai catrapum. Uma mulher que leva repetidamente com uma tábua na cabeça. Ai catrapum pum pum.

Laugh till you drop

Everything is black. Black curtains, black floor with black velvet, a black chair, a black bench, a black bucket, two blackboards. Dancers in black. Black shoes, black panties, black sweaters. A black handkerchief. Everything you see is black. Except for the bodies of the two choreographers; limbs and faces outlined against the huge black box, the contour of skin highlighted against an oppressive monochromatic background. A plasticity that reminds one of the theatre of Kantor, in a spectacle that emerges essentially from cinematographic imagery. Inspired by the classic burlesque - names like Jacques Tati, Charlie Chaplin or Buster Keaton - , they transform a masculine universe into a feminine one, more elegant and sensual, more nimble and free. Mathilde Monnier and Maria La Ribot, choreographers from different artistic backgrounds, collaborate for the first time in Gustavia to meet each other live on a black stage, to bring the plastic arts, theatre and cinema together, cry and laugh together.

Near-silent murmurs increase in descending glissandos in the voices of these two dancers. They are pierrots of audible tears. A song of weeping begins, and rises up to the most afflicted sobbing, which quickly turns into laughter. The laughter continues in reaction to a fall or a primary mistake or mistep, in a permanent tension between the animated and the disastrous. Adapted and calculated responses are substituted by mechanical and rigid responses. And because of repetition, laughter repeats itself. A woman puts one foot into a bucket. A woman is hit on the head with a board. Crash. A woman is repeatedly hit on the head with a board. Crash hang bang.

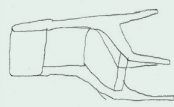
The laughter is provoked by this rigidity that translates into a kind of obstinate and recalcitrant automatism. It is a misadjudgment to the normal and linear course of things. It goes from the natural to the artificial, recalling a mechanics

without function or context, where gestures are like the movements of puppets without a will of their own. It is the awareness of a laughable rigidity that emphasizes the duplicity between person and mechanism. The laughter reveals the deviation, what escapes the norm, exposing the disorder and curiosity of body over mind. A woman seated on a chair. A woman seated on a bench. A woman with a chair on top of her. A woman underneath a chair. A woman with a bench underneath. A woman underneath a bench. A woman on the arm of a chair. A woman above the arm of a chair. A woman above the arm of a chair above a woman. A woman with a leg of a chair above her. A woman underneath a leg of a woman. A woman sitting down. A chair standing. Feet trip up, gestures repeat themselves, moments follow one another, geometry is inverted, positions denied. The dancers cover and uncover their knees in frantic sexual impulses, impetuous quivers of compulsive gestures under a powerful rhythmic ostinato. One imitating the other, one looking at the other, one with the other. And in the end, after what is not said, the music is the music of the words the choreographers crisscross between each other in an alliterated, rhythmic and rhymed game. Words spoken by two women about women. The words of one exceeding the words of the other and the union of onomatopoeia accompanied by gestures. Hands that rattle breasts in 'plof plof plof', arms that are guns and shoot 'trrrraaa ta ta ta' in a thunderstorm of helped-up sentences. It is the blackness that condenses it all, in a deep mantle which gives consistence to the expressive traces of faces, the lines of the movement of arms, the outline of the steps of legs. If, on the one hand, the laughter oscillates between the unspeakable and the games of words, from order to disorder, on the other hand, it reveals an experience of negation, annihilation, hollowiness, of nothing. Its effect lies precisely within the boundary between the comic and the tragic, between life and death. But at the same time it oppresses and distresses, it manipulates and attracts through intentional

Os risos são provocados pela rigidez que se traduz numa espécie de automatismo obstinado e renitente. É uma adaptação ao trajecto normal e rectilíneo das coisas. Vai do natural ao artificial, revelando uma mecânica sem função nem contexto, onde os gestos são como movimentos de marionetas sem vontade própria. É o despertar dessa rigidez risível que coloca em relevo a duplicidade entre pessoa e mecanismo. O riso acusa o desvio, o que foge à norma, denunciando a desordem e a vitória do corpo sobre o espírito. Uma mulher sentada numa cadeira. Uma mulher sentada num banco. Uma mulher com uma cadeira em cima. Uma mulher debaixo de uma cadeira. Uma mulher com um banco por baixo. Uma mulher debaixo de um banco. Uma mulher no braço de uma cadeira. Uma mulher em cima de um braço de mulher. Uma mulher com uma perna de cadeira em cima. Uma mulher por baixo de uma perna de mulher. Uma mulher sentada. Uma cadeira em pé.

Os passos tropeçam-se, os gestos repetem-se, os momentos encadeiam-se, a geometria inverte-se, as posições contrariam-se. As bailarinas tapam e destapam os joelhos em impulsos sexuais frenéticos, impetuosos frêmitos de uma gestualidade compulsiva ao som de um forte ostinato rítmico. Uma imitando a outra, uma olhando a outra, uma com a outra. E no final, depois do que não é dito, a música é a das palavras que entre si as coreógrafas entrecruzam num jogo aliterado, ritmado e rimado. Palavras ditas pelas duas mulheres sobre as mulheres. Palavras de uma por cima das palavras da outra e onomatopéias em uníssono acompanhadas por gestos. Mãos que agitam seios em plof plof plofs, braços que são armas e disparam trrrra ta ta tas, numa trovada de frases que se empilham umas por cima das outras.





“Numa extrema facilidade em estabelecer entre si múltiplas relações, Monnier e La Ribot dão ao espectador uma súbita tomada de consciência de que tudo renasce e se torna risível numa incrível composição total de divergências e semelhanças.”

“With a capacity to, with great ease, establish multiple relations with each other, Monnier and La Ribot present the spectator with the sudden awareness that everything is reborn and becomes laughable, in an incredibly full composition of divergences and similarities.”

É o negro que tudo concentra, num manto profundo que dá consistência aos traços expressivos dos rostos, às linhas dos movimentos dos braços, aos contornos dos passos das pernas. Se, por um lado, o riso oscila entre o indizível o jogo de palavras, da ordem à desordem, por outro, revela uma experiência de negação, de aniquilamento, de pros- tração, de vazio, de nada. O seu efeito reside precisamente nessa fronteira entre o cómico e o trágico, entre a vida e a morte.

Mas ao mesmo tempo que oprime e inquieta, manipula e atrai através de uma propositada gestualidade mecaniza- da, traçando uma barreira que, por ser invisível, nos deixa no limbo entre a ausência de sombra que assombra e o ritmo ridículo que ribomba. Na ribalta rivalizam-se e ri- postam em rima numa relação entre o vivo e o mórbido que desorienta e seduz perante uma movimentação am- bígua e desumanizada exposta a um só tempo. Numa ex- tremo facilidade em estabelecer entre si múltiplas rela- ções, Monnier e La Ribot dão ao espectador uma súbita tomada de consciência de que tudo renasce e se torna risível numa incrível composição total de divergências e semelhanças. Do que é diferente e igual. Do que é contrari- ado ou imitado.

É surpreendente a sua dimensão plástica, onde o negro e a pele dominam. É admirável a exploração sonora do choro e das rimas, alterações, onomatopéias e repetições. É repetidamente bem entrecruzado nos movimentos que cria. É brilhante pela capacidade de transformação dos universos que convoca num universo feminino muito próprio. É ajustadamente desajustado, articuladamente desarticulado, dramaticamente risível. Aqui os opo- stos atraem-se. Os contrários coabitam. Entre lágrimas e risos.

mechanical gestures, tracing a frontier which, on account of its invisibility, leaves us in a limbo between the absence of the shadow that shades and the ridiculous rhythm that resounds. In the spotlight the dancers rise and radiate against each other in rhyme in a relation between the vivid and the morbid that misleads and seduces in face of an ambiguous and dehumanised movement. With a capacity to, with great ease, establish multiple relations with each other, Monnier and La Ribot present the spectator with the sudden awareness that everything is reborn and becomes laughable, in an incredibly full composition of divergences and similarities. Of what is different and equal. Of what is contradicted or imitated. Its plastic dimension is indeed surprising, where black and skin dominate. The auditory exploration of weeping, rhyme, alliteration, onomatopoeia and repetition is admirable. It is repeatedly well interspersed in every created moment. It is brilliant in its capacity to transform the universes it concerns into a particular feminine universe. It is proportionately disarranged, articulately disarticulate, dramatically laughable. Here, the opposites attract each other. The contraries cohabit. Between tears and laughter.

Translated by Bernardo Pinheiro

